



Entrevista

MARIA APARECIDA CRESSI KNUPPEL

EDUCAÇÃO DIGITAL PARA OS ANOS INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL:
REFLEXÕES A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA EM REDE

**EDUCAÇÃO DIGITAL PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
REFLEXÕES A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA EM REDE**

**ENTREVISTA COM A PROFESSORA DRA. MARIA APARECIDA CRISSI KNUPPEL
(UNICENTRO/UVPR)**

POR

Sandra Regina Gardacho Pietrobon e Flávio Rodrigues de Oliveira Correio

A CONCEPÇÃO DESTE CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DIGITAL PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, COMO UMA REDE COLABORATIVA ENTRE A UVPR, MÚLTIPLAS IES DO PARANÁ (UEL, UEM, UNICENTRO, UNIOESTE, UEPG E UENP) E O SISTEMA UAB É UM DIFERENCIAL. COMO COORDENADORA DA UVPR, QUAIS FORAM AS ESTRATÉGIAS ADOTADAS PARA QUE O MODELO TRANSCENDEsse A SIMPLES DISTRIBUIÇÃO DE TAREFAS E SE TORNASSE UMA GENUÍNA CONSTRUÇÃO PEDAGÓGICA CONJUNTA? QUAIS FORAM OS MAIORES DESAFIOS PARA MANTER O ENGAJAMENTO E O ALINHAMENTO DOS DIVERSOS NÓS DESSA REDE AO LONGO DO PROJETO?

Desde o início, compreendemos que a proposta do curso de Especialização em Educação Digital para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental só faria sentido se a colaboração entre as universidades públicas do Paraná (UEL, UEM, Unicentro, Unioeste, UEPG e UENP) e o sistema UAB extrapolasse a mera divisão de responsabilidades. O que buscamos foi instaurar um espaço de coautoria pedagógica, onde o processo formativo fosse construído de modo vivo, compartilhado e dialogado.

Para isso, adotamos uma governança interinstitucional articulada, com atividades e cronogramas únicos, encontros de alinhamento e uma agenda comum de oferta das unidades curriculares, com acompanhamento dos estudantes realizada por docentes de cada universidade e tutores. As disciplinas foram pensadas dentro de um mesmo modelo pedagógico, respeitando as particularidades de cada disciplina, fundamento em uma pedagogia plural e no conceito de ecossistema digital, o que garantiu uma identidade formativa para o curso.

A construção dos materiais didáticos, por exemplo, foi realizada de forma colaborativa, com o suporte da equipe da UVPR e com as equipes de cada universidade. Essa etapa foi fundamental para que o curso tivesse um design instrucional único, com qualidade na curadoria dos conteúdos e padrões de acessibilidade. O trabalho com tutores também foi estruturado dentro dessa lógica, formados coletivamente para atuaram como mediadores pedagógicos, em processos de mentoria.

"[...] pessoas e agentes não humanos, tecnologias e contextos interagem de forma dinâmica, o que se denomina de Educação Digital."

O maior desafio deu-se em relação ao engajamento de uma rede tão ampla e diversa. As diferenças de cultura institucional, em especial dos normativos institucionais, tempos e dinâmicas acadêmicas exigiram muito das coordenações locais e da coordenação

geral, num trabalho de escuta, negociação e pactuação permanente. O uso de ferramentas de acompanhamento, a análise de dados de engajamento e a valorização de espaços diversos de colaboração entre tutores, docentes e estudantes foram decisivos para manter a proposta dinâmica e factível ao longo de todo o percurso.

O PROJETO PEDAGÓGICO ADOTA O DESIGN THINKING COMO METODOLOGIA CENTRAL, PROPOONDO UM PERCURSO FORMATIVO QUE ARTICULA AS ETAPAS DE “ENTENDER, SIGNIFICAR, DELINEAR, CRIAR E COMPARTILHAR”. PEDAGOGICAMENTE, COMO ESSA ABORDAGEM SE CONECTOU COM OS CONCEITOS DE “EDUCAÇÃO DIGITAL ON-LIFE” E “ECOSSISTEMAS EDUCACIONAIS”, QUE FORAM APRESENTADOS NA PRIMEIRA DISCIPLINA DO CURSO MINISTRADA POR VOCÊ? EM TERMOS PRÁTICOS, DE QUE MANEIRA OS PROFESSORES-CURSISTAS FORAM ORIENTADOS A TRANSITAR DA TEORIA DOS ECOSISTEMAS DIGITAIS PARA A APLICAÇÃO DO DESIGN THINKING NA CRIAÇÃO DE SEUS PROJETOS DE INTERVENÇÃO, E QUAIS FORAM OS PRINCIPAIS DESAFIOS OBSERVADOS NESSE PROCESSO DE TRADUÇÃO ENTRE O CONCEITO TEÓRICO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA?

A concepção pedagógica do curso parte da ideia de que a aprendizagem acontece em ecossistemas digitais e híbridos, no qual agentes humanos – pessoas e agentes não humanos - tecnologias e contextos interagem de forma dinâmica — o que se denomina de Educação Digital. Essa perspectiva rompe a separação entre o “mundo on-line” e o “mundo real”, colocando o professor como agente de design e arquiteto de experiências pedagógicas significativas em ambientes sociais, construídos e digitais.

Esse diálogo direto com as regiões tornou o curso contextualmente relevante, com projetos de intervenção que respondiam a desafios concretos

Nesse sentido, o *Design Thinking* foi incorporado como uma metodologia que traduz em prática essa visão ecossistêmica. As etapas de “entender, significar, delinear, criar e compartilhar” dialogam diretamente com o percurso formativo proposto no curso. Ao longo das trilhas, os professores-cursistas foram convidados a mapear os ecossistemas de aprendizagem das suas escolas, identificar desafios reais e propor intervenções pedagógicas contextualizadas.

Essa transposição da teoria para a prática aconteceu de forma orientada e gradual. No início do curso, trabalhamos os fundamentos teóricos da Educação *On-life* e dos ecossistemas digitais; em seguida, nas disciplinas de Didática e de Recursos e Interfaces Digitais, os cursistas começaram a experimentar o *Design Thinking* como um processo de investigação, ideação e prototipagem. A culminância desse percurso ocorreu nos Seminários Temáticos e no Trabalho de Conclusão de Curso, quando as ideias se transformaram em projetos de intervenção reais, efetivados na prática pedagógica e socializados entre pares.

Essa dinâmica permitiu que o *Design Thinking* se tornasse não apenas uma técnica, mas um modo de pensar e agir pedagógico, em consonância com a proposta do curso.

CONSIDERANDO QUE O PÚBLICO-ALVO, OS QUAIS ERAM PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL PARANAENSE, COMO A COLABORAÇÃO ENTRE AS IES DO ESTADO, SOB A ARTICULAÇÃO DA UVPR, PERMITIU UMA ABORDAGEM MAIS CONTEXTUALIZADA E ALINHADA ÀS REALIDADES ESPECÍFICAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO PARANÁ?

Um dos grandes diferenciais deste curso foi justamente o fato de ter sido construído a partir das especificidades da rede pública municipal do Paraná. A colaboração entre as universidades estaduais, articulada pela UVPR, possibilitou que a formação fosse desenhada de forma territorializada e sensível às realidades locais.

Cada instituição participante trouxe consigo o conhecimento acumulado sobre sua região, seus polos UAB e as características socioculturais das redes municipais que atende.

Esse diálogo direto com as regiões tornou o curso contextualmente relevante, com projetos de intervenção que respondiam a desafios concretos — desde a integração de tecnologias nos espaços escolares até o uso de recursos digitais na alfabetização, nas diferentes práticas pedagógicas relativas aos conteúdos escolares e nas práticas de inclusão.

Além disso, o modelo de tutoria/mentoria e acompanhamento estabelecido criou um canal contínuo entre universidade e escola. As interações síncronas (/ives, encontros, mentorias) e assíncronas deram aos cursistas a segurança de pertencer a uma comunidade de aprendizagem que os acompanhava passo a passo. Assim, a formação não se limitou à apropriação de tecnologias digitais, mas promoveu um movimento de reflexão e ressignificação das práticas pedagógicas a partir dos contextos reais de cada professor.

[...] é possível fazer formação docente em rede, com colaboração, sentido e compromisso com o território. [...] ele representa um modo de fazer educação pública colaborativo, contextualizado e voltado à inovação pedagógica.

ANALISANDO O MODELO DE REDE COLABORATIVA ENTRE AS IES DO PARANÁ, QUAL É O POTENCIAL DE REPLICABILIDADE E ESCALABILIDADE DESSA ESTRUTURA PARA OUTRAS ÁREAS DE FORMAÇÃO? QUAIS SÃO AS CONDIÇÕES POLÍTICAS E INSTITUCIONAIS NECESSÁRIAS NO ESTADO DO PARANÁ PARA QUE ESSA FORMA DE COOPERAÇÃO SE TORNE UM PADRÃO NA OFERTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA, OTIMIZANDO A CAPACIDADE INSTALADA DO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO PARANAENSE?

A experiência do curso mostrou que o modelo de rede colaborativa entre as IES do Paraná tem alto potencial de replicabilidade. Trabalhar em rede e de forma flexível, é sem dúvida, uma necessidade imperiosa para todas as etapas da educação. A própria consolidação de um Sistema Nacional de Educação em via de aprovação no Senado Federal, destaca a rede colaborativa como forma eficiente de gestão e articulação em prol da educação.

A estrutura em trilhas formativas, o uso do ambiente virtual como espaço de prática, a governança adotada, a colaboração na produção de materiais didáticos, a forma de curadoria de conteúdos e a mentoria formativa são alguns dos elementos que podem ser adaptados a outras áreas de formação.

Acredito que precisamos ainda avançar, em programas de formação como um arranjo político e institucional inovador e talvez o exemplo do Programa Redes e dos NAPIs sejam também modelos de parceria e de governança.

No caso de formações que envolvam os polos UAB, como foi o caso do Curso de Educação Digital, os polos precisam ser vistos para a além de espaços que garantem formação inicial e continuada de qualidade, como parte essencial de um ecossistema que se pauta por ser um elo irradiador de demandas, de construção de práticas pedagógicas formativas, de elaboração de evidências e de práticas de monitoramento para a efetiva formação necessária em suas áreas de abrangência.

Portanto, para que esse modelo se consolide como política pública permanente, são necessárias algumas condições: uma governança compartilhada entre UVPR, IES e polos; financiamento contínuo que assegure equipes multidisciplinares e produção de materiais acessíveis; formação sistemática de mentores e docentes; e uma política de dados educacionais que oriente decisões com base em evidências.

O curso de Educação Digital para os Anos Iniciais mostrou que é possível fazer formação docente em rede, com colaboração, sentido e compromisso com o território. Mais do que uma oferta pontual, ele representa um modo de fazer educação pública colaborativo, contextualizado e voltado à inovação pedagógica. *Voilà le résultat* – que ele possa ser um modelo que inspire novas indicativas.